

SIMPÓSIO AT136

FORM(AÇÃO) DO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO MÉDIO EM TEMPOS DE CULTURA DIGITAL: UMA ABORDAGEM HISTÓRICA

OLIVEIRA, Jurene V.S.
Universidade Federal da Bahia - UFBA
jureneveloso.adv@bol.com.br

Resumo: Trata-se de um recorte da dissertação de mestrado intitulada *Aulas de Língua Portuguesa na era digital: possíveis interações e articulações*, a qual teve como objetivo geral: Contribuir com a discussão sobre como o professor de Língua Portuguesa do Ensino Médio articula, em suas aulas, os conhecimentos possibilitados pelo estado de letramento digital de seus alunos. Metodologicamente, tratou-se de uma abordagem qualitativa, realizando-se estudo analítico de situação de uso, ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa, em contexto escolar, através da Análise de Prosa. Teve como sujeitos de investigação: uma turma de Ensino Médio e uma professora de Língua Portuguesa do mesmo segmento, em um Colégio da Rede Estadual de Ensino de Feira de Santana-Bahia. Como instrumentos de produção de informações, houve aplicação de questionários e observação de aulas. Como principais resultados constatou-se que, apesar dos alunos usarem cotidianamente meios tecnológicos e se inserirem na cultura digital, a Língua Portuguesa tem sido ensinada com foco na variedade padrão, com atividades sobre tópicos gramaticais. Conclui-se que é necessário que o ensino de Língua Portuguesa paute-se em seu uso contextualizado e interacional. Ao professor são necessárias formação inicial (na Universidade) e continuada (em sua prática) voltadas ao trabalho pedagógico com tecnologias digitais.

Palavras-chave: Língua Portuguesa; Histórico; Ensino e Aprendizagem; Cultura digital.

FORM(ACTION) OF THE TEACHER OF PORTUGUESE LANGUAGE IN HIGH SCHOOL IN TIMES OF DIGITAL CULTURE: A HISTORICAL APPROACH

Abstract: It is a cut of the master's thesis titled Portuguese Language Classes in the digital age: possible interactions and articulations, which had as a general

objective: Contribute to the discussion about how the Portuguese Language teacher of the High School articulates in his classes, the knowledge made possible by the digital literacy status of its students. Methodologically, it was a qualitative approach, being carried out an analytical study of the situation of use, teaching and learning of Portuguese Language, in school context, through Prose Analysis. She had as subjects of investigation: a high school class and a Portuguese language teacher of the same segment, in a College of the State Teaching Network of Feira de Santana-Bahia. As instruments of information production, questionnaires and classroom observation were applied. As main results it was verified that, although the students use technological means daily and inserted in the digital culture, the Portuguese Language has been taught focusing on the standard variety, with activities on grammatical topics. It is concluded that it is necessary that Portuguese language teaching is based on contextualized and interactional use. To the teacher requires initial training (in University) and continued (practice) focused on pedagogical work with digital technologies.

Keywords: Portuguese Language; Historic; Teaching and learning; Digital culture.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo fundamenta-se, precipuamente, em parte do conteúdo abordado na dissertação de mestrado intitulada *Aulas de Língua Portuguesa na era digital: possíveis interações e articulações*¹, a qual teve como objetivo geral: Contribuir com a discussão sobre como o professor de Língua Portuguesa do Ensino Médio articula, em suas aulas, os conhecimentos possibilitados pelo estado de letramento digital de seus alunos. Nessa, a escolha metodológica, de natureza qualitativa, definiu o caminho do estudo analítico de situação de uso, ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa, em contexto escolar, por meio da Análise de Prosa (LUDKE; ANDRÉ, 2017). Os sujeitos de investigação foram os alunos de uma turma de Ensino Médio e uma

¹ A referida dissertação é de autoria de Jurene Veloso dos Santos Oliveira, defendida em 02 de abril de 2018, na FAGED/UFBA, a qual teve como orientadora a Professora Doutora Mary de Andrade Arapiraca e, como coorientadora a Professora Lícia Maria Freire Beltrão. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/26016>.

professora de Língua Portuguesa do mesmo segmento, em um Colégio da Rede Estadual de Ensino, localizado em Feira de Santana-Bahia.

Como instrumentos de produção de informações, houve aplicação de questionários e observação de aulas. Foi também realizada uma pesquisa bibliográfica, tratando de temas relevantes para a compreensão do objeto de pesquisa, tais como alfabetização, letramento, multiletramentos e letramento digital. Especificamente para o recorte pretendido, a discussão aqui travada baseia-se no capítulo *Ensino de Língua Portuguesa na Escola: nuances históricas*. A partir daí, buscou-se alinhar uma análise acerca da prática do professor, fruto de sua formação inicial, com a cultura digital, que permeia a sociedade já há um longo tempo, a partir do advento da internet, a qual possibilita o livre acesso a um vasto leque de informações.

Infere-se que, compreender historicamente o processo de implantação do ensino de Língua Portuguesa nas escolas, com ênfase no Ensino Médio, pode ajudar a perceber as possíveis causas das dificuldades apontadas cotidianamente, principalmente quando se trata de resultados aferidos, em avaliações externas como o Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e a Prova Brasil, a título de exemplos. Contraditoriamente, com a cultura digital, os alunos estão cada vez mais interagindo, fazendo uso real e efetivo da Língua Portuguesa em situações diversas, por meio de redes sociais, aplicativos, sites, blogs, dentre outros espaços virtuais. Tudo isso deve ser, de algum modo, percebido e articulado de maneira a contribuir cada vez mais para o ensino e a aprendizagem de Língua Portuguesa. Para tanto, é preciso que o professor perceba a necessidade de inserção de uma práxis voltada ao uso, direto ou indireto, das tecnologias digitais, que fazem parte da realidade dos alunos e de uma sociedade cibercultural.

2 ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: ASPECTOS HISTÓRICOS

A partir do final do Império, por volta do final do século XIX, incluiu-se a Língua Portuguesa no currículo escolar aqui no Brasil, o que é justificado pelo

fato de que não havia, até então, uma língua única que fosse usada em toda a sociedade. Soares (2012) informa que, ao lado do português do colonizador, codificou-se uma língua geral, a qual abrangia as línguas indígenas (provenientes do tupi) e o latim (que fundava o ensino secundário e superior da época, ministrado pelos jesuítas).

Saliente-se que a Língua Portuguesa oficial, na verdade, era destinada aos filhos das pessoas pertencentes às classes mais abastadas, privilegiadas. Essa era ensinada na escola. E a população, que era a grande maioria, sequer ia para a escola. Logo, a Língua Portuguesa, não pertencia ao povo... Línguas distintas eram vividas na sociedade, nos diversos espaços de comunicação/interação linguística.

De acordo com Soares (2012), após as reformas impostas pelo Marquês de Pombal, no ensino de Portugal e suas colônias, a Língua Portuguesa passou a ser obrigatória na sociedade brasileira, devendo então ser incluída e valorizada na escola; o latim, aos poucos, foi deixando de ser usado e, a partir do século XX, foi finalmente excluído do ensino fundamental e médio e passou-se a ensinar a gramática da Língua Portuguesa.

A partir de um decreto imperial, no ano de 1871, criou-se o cargo de professor de português, passando-se então, a partir desse marco do ensino do vernáculo, a se ter português, como disciplina. Entretanto, conforme Soares (2012), o estudo da gramática continuou a ser compreendido como o ensino da língua. Logo, ensino de Língua Portuguesa, passou a ser sinônimo de ensino de gramática². Com o passar do tempo, a partir de 1950, ocorreram modificações socioculturais, que agregaram novo papel para a escola, a qual foi democratizada, tornando-se um direito de todos e não somente de alguns poucos privilegiados da elite de outrora.

Por volta de 1960, ampliou-se o número de alunos do Ensino Secundário (atual Ensino Médio) e no Ensino Primário (atual Ensino Fundamental); contrataram-se mais professores, porém, como não havia tanta mão de obra

²Tal situação persiste até os dias atuais, conforme conclusões de Oliveira (2018) em sua dissertação, a partir de sua pesquisa de campo e bibliográfica.

qualificada, o rigor nos critérios de seleção foi diminuindo; rebaixou-se o salário dos professores e houve precarização do trabalho (SOARES, 2012). Oliveira (2018, p. 44) afirma que “Em relação à Língua Portuguesa, sobretudo, ficavam diversas lacunas a serem preenchidas, pois o que se ensinava na escola era muito distante da realidade linguística vivida pelos alunos”.

Posteriormente, o ensino de Língua Portuguesa foi passando a ser foco de discussão de estudiosos, pesquisadores da área e de professores, buscando-se melhores formas de se ensinar a língua, de forma mais acessível a esse novo e heterogêneo público. Nesse cenário, os manuais didáticos (atuais “livros didáticos”) surgem para “facilitar” o trabalho dos professores, que já encontram, nesses, orientações didáticas e proposição de atividades e exercícios com respostas prontas, que incluíam lista com vocabulários, exercícios de interpretação, propostas de redação, uso da gramática, dentre outros (Soares, 2012).

Nos dias atuais, em que pese o advento da internet e das múltiplas possibilidades de uso, ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa, o quadro aqui descrito pouco mudou. Nas escolas, ainda prioriza-se o uso do livro didático e usam-se poucos recursos didáticos digitais nas salas de aula. Os alunos estão imersos na chamada cultura digital, usam a língua a todo instante, nas redes sociais, nos aplicativos diversos, nos sites de pesquisa, produzem blogs, possuem canais no *you tube*, dentre outros espaços virtuais (Oliveira, 2018). Porém, não raro, o professor ainda faz uso de uma metodologia que não acompanha as mudanças que perpassam a sociedade que cada vez mais está imersa em uma cultura digital (Lévy, 2010).

Problemas como baixos salários, turmas com número excessivo de alunos, pouco investimento do poder público nas escolas, bem como a falta de habilidade e de motivação do professor para inovar em suas aulas podem influenciar a estagnação do ensino e da aprendizagem da Língua Portuguesa no espaço escolar.

Com a democratização da escola, que permitiu o “acesso de todos”, surgiram outros problemas, principalmente em decorrência do fato de que não

houve preparação suficiente para atender a nova e numerosa clientela. Com isso, a qualidade do ensino e da aprendizagem foi afetada e, prova disso, é o quadro atual da educação, que a todo instante é mostrado nos resultados de exames externos como os provenientes do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e a Prova Brasil; ao ensino de Língua Portuguesa, então, recaem críticas diversas, pois esta seria uma espécie de “instrumento” para aprender as demais disciplinas (ROJO; MOURA, 2012).

Conforme exposto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), Lei n. 5.692/72, surgiram mudanças no que concerne ao ensino de Língua Portuguesa, como disciplina, sobretudo em decorrência da intervenção militar de 1964. A partir daí, acarretaram mudanças na denominação da disciplina, sendo, pois, no Ensino Fundamental: comunicação e expressão, comunicação em Língua Portuguesa; no Ensino Médio: Língua portuguesa e literatura brasileira. Toda essa mudança, que perfaz um viés “político e ideológico”, vem afetar a forma de se conceber o ensino da língua. Desse modo, segundo Soares, “[...] surge nos anos 1970, como quadro referencial para a análise da língua, transposta da área dos meios eletrônicos de comunicação, a **teoria da comunicação**” (SOARES, 2012, p.153-154) (grifo nosso). Assim, através dessa, identificam-se elementos tidos como essenciais que contribuem para a comunicação entre as pessoas. Concepções da língua surgem a partir daí: a língua como sistema (prevalece no ensino de gramática); a língua como expressão estética (ensino de retórica e poética); a língua como comunicação (estudo de textos) (SOARES, 2012).

Oliveira (2018), inspirada em Soares (2012), discute que, por volta da segunda metade dos anos 80, a disciplina volta a ser chamada de *português*, em vez de *comunicação e expressão*, a partir de medida do Conselho Federal de Educação da época, pois já não atendia mais aos anseios sociais e vão surgindo novas teorias nas áreas das ciências linguísticas (como a Sociolinguística, a Psicolinguística, a Linguística Textual, a Pragmática e a Análise do discurso) no que tange ao ensino de língua materna.

Dentre tais ciências, chama atenção a Sociolinguística, a qual trouxe contribuições para a visibilidade das variedades linguísticas, principalmente a partir das falas dos alunos e a língua padrão, mormente ensinada nas escolas, o que fez, então, se pensar em novas metodologias de ensino para a Língua Portuguesa. Atualmente, o ensino de Língua Portuguesa perpassa pela necessidade de inserção das tecnologias digitais, que inspiram novas possibilidades de uso e comunicação, a fim de se buscar principalmente a interação entre os indivíduos a partir de contextos reais de aprendizagem (POSSENTI, 2012).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após toda essa discussão, considera-se, em alinhavos, por ora finais, que a Língua Portuguesa é muito mais do que aquilo que é levado para a sala de aula na forma de conteúdo, sobretudo, gramatical. A língua está presente em múltiplos espaços, sejam eles físicos ou virtuais. Há uma gama de variedades linguísticas a serem percebidas e admitidas no que remete ao ensino e à aprendizagem de Língua Portuguesa, inclusive sua variedade padrão, mas não apenas ela. É um direito o aluno ter a oportunidade de usá-la, aprendê-la e aprimorá-la continuamente no espaço escolar.

Historicamente, apesar de terem surgido leis, teorias linguísticas e estudos de ciências específicas, há ainda dificuldade de se conceber a língua de uma forma menos artificial, mais voltada ao uso real, onde o aluno consiga atribuir sentidos ao que ouve, escreve, fala, enfim, ao que ele percebe ao seu redor para que possa se expressar verdadeiramente, crítica e reflexivamente.

Enfim, ao professor de Língua Portuguesa, especialmente no Ensino Médio, cabe a busca por formas de inovar suas aulas, de transformá-las em verdadeiros momentos de aprendizagem real, contextualizados na prática e no uso efetivo da língua, possibilitando ao aluno tornar-se um produtor e interagente, a partir de sua língua, dentro e fora dos muros da escola, nos múltiplos espaços, sejam eles físicos ou digitais.

Referências

BRASIL. **Linguagens, códigos e suas tecnologias** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 239 p. (Orientações curriculares para o ensino médio; volume 1).

Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf>

Acesso em: 10 set. 2017.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394.

Brasília-DF, de 20 de dezembro de 1996.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. COSTA, C. I. da (Trad.). São Paulo: Editora 34, 2010.

LUDKE, Menga. ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. Rio de Janeiro: E.P.U., 2017.

OLIVEIRA, Jurene Veloso dos Santos. **Aulas de Língua Portuguesa na era digital: possíveis interações e articulações**. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

POSSENTI, Sírio. Sobre o Ensino de português na escola. In: GERALDI, João Wanderley. (Org.). **O Texto na Sala de Aula**. São Paulo: Anglo, 2012. p. 32-38.

ROJO, Roxane Helena. MOURA, Eduardo. (Orgs.). **Multiletramentos na Escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SILVA, Obdália de Santana Ferraz. (Multi)letramentos e formação de professores na sociedade digital: entretecendo (desa)fos. In: ALVES, Lynn e MOREIRA, J. António.(Orgs.) **Tecnologias& aprendizagens: delineando novos espaços de interação**. Salvador; EDUFBA, 2017. p. 213-241.

SOARES, Magda. Português na escola. História de uma disciplina curricular. In: BAGNO, Marcos. (Org.) **Linguística da Norma**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.p.141-161.